

RECADO DE PARIS

PARIS, setembro — Via Panair —
Volto ainda uma vez ao número especial de "La Nef" sobre a imprensa francesa — número que recomendo aos meus confrades brasileiros pelos importantes problemas que agita e nos quais não toco nesta crônica para não cansar demasiado o leitor, que é apenas... leitor.

Géraud Jouve escreve sobre o jornalismo francês e o norte-americano. O jornalista americano tem sua regra de outro para contar uma história: onde, quem, quando, o que, como. Esforça-se para apresentar o fato com o máximo de precisão e objetividade. Para o francês o fato tende a ser um pretexto para dissertações morais, literárias, filosóficas ou políticas; o que lhe importa mais é a significação do fato, é ligá-lo a alguma outra coisa. Géraud Jouve escreve: "A ingenuidade do jornalista americano consiste em crer que os fatos existem, independentemente do observador. A ingenuidade do jornalista francês consiste em admitir que a astúcia basta para suscitar a informação. Na realidade, a informação não existe, salvo nos regimes totalitários, em que elas são fabricadas. As informações nascem a partir do informador. O fato torna-se informação se ele é interessante, se o fazemos interessante.

Jouve foi correspondente em Berlim ao tempo de Hitler, e conta que ele e seus colegas descobriram a fórmula mais comum dos "enérgicos desmentidos" do sr. Goebbels aos despachos indiscretos: "Não é verdade que minha mulher use a minha rede como porta-seios; a verdade é que eu uso os porta-seios de minha mulher como rede".

• • •

Lazareff, diretor de "France-Soir", conseguiu do governo russo uma coisa hoje raríssima: Mandar à Rússia um repórter, sob a condição de que ele não abordasse assuntos políticos nem militares. O repórter foi, e viajou todo o tempo sob o maior controle das autoridades. Não conseguiu fazer as numerosas entrevistas e visitas que pediu, e não obteve respostas para muitas das perguntas que julgava mais inocentes. Em todo caso viajou, conversou com muita gente, discutiu com o seu guia, viu várias cidades, e, na volta, fez uma série de reportagens (não sei se foram publicadas no Brasil) realmente interessantes. Sente-se a honestidade e imparcialidade do relato, embora não haja nenhuma revelação sensacional. Enfim: um diário de uma viagem à Rússia escrito sem paixão e sem comentários.

Lazareff conta que, como diretor do jornal, recebia cada dia um monte de cartas com violentos protestos, tanto de comunistas como de anticomunistas — em número a mais aproximadamente igual. Muitos dos que protestavam (de qualquer dos dois lados) diziam apenas "isso é mentira", e às vezes juntavam insultos. Outros diziam (também dos dois lados): "Pode ser que isso seja verdade, mas não devia ser dito", juntando motivos varios, descobrindo intenções na direção do jornal, lembrando outras coisas sobre a Rússia ou sobre a França que o jornal não dizia, etc. Lazareff comenta:

"O diretor do jornal adora receber uma tal correspondência. Interpreta-a como sinal de objetividade de seus repórteres, mas constata que, à direita e à esquerda, há um número demasiado grande de franceses que lamentam ainda não terem uma imprensa totalitária.

E cita a frase de um homem de teatro, Marcel Achard:

"As vezes são os espectadores que não têm talento..."

15.9.50

R. B.